



Em *Se eu tivesse pernas, eu te chutaria* O rosto de Rose Byrne se torna a tela em close para um drama de comédia muito perturbador. Escrito e dirigido por Mary Bronstein - seu primeiro recurso em 17 anos seguintes *Levedura*- O filme segue Byrne como Linda, uma mãe pendurada por um fio durante o que parece ser uma espiral nervosa prolongada. Espelhando sua experiência, é um trabalho profundamente indutor de ansiedade, cuja energia de alto ataque é devida a uma ousada abordagem audiovisual que não deve ser sustentável, mas acaba arrepiante e hilária a longo prazo. O resultado, em uma palavra, é excelente.

Através de seu comando hábil do drama, Byrne e Bronstein fazem um par formidável, pois apresentam a lenta demolição de um dos protagonistas mais atraentes do cinema moderno (ao lado de Marianne Jean-Baptiste's Pansy em Mike Leigh's *Verdades difíceis*).

Veja também:

2025 Antevisão do filme: todos os filmes que você vai querer saber sobre

O filme é tão esclarecedor quanto perturbador, apresentando novas dimensões cinematográficas às facetas da maternidade raramente tocadas em Hollywood (antes de *Nightbitch* No ano passado, o exemplo mais proeminente foi sem dúvida *Tully* em 2018). De relance, *Se eu tivesse pernas, eu te chutaria* é *Gemas sem cortes* Para a depressão pós - parto (foi notavelmente produzido por Josh Safdie e o escritor/editor de *Brothers* de longa data Ronald Bronstein). No entanto, sua linguagem narrativa e estética é inteiramente sua, desde seus floreios hipnóticos ocasionais, até seu retrato psicológico angustiante de uma mãe à beira de um colapso nervoso, contou quase inteiramente em close -up.



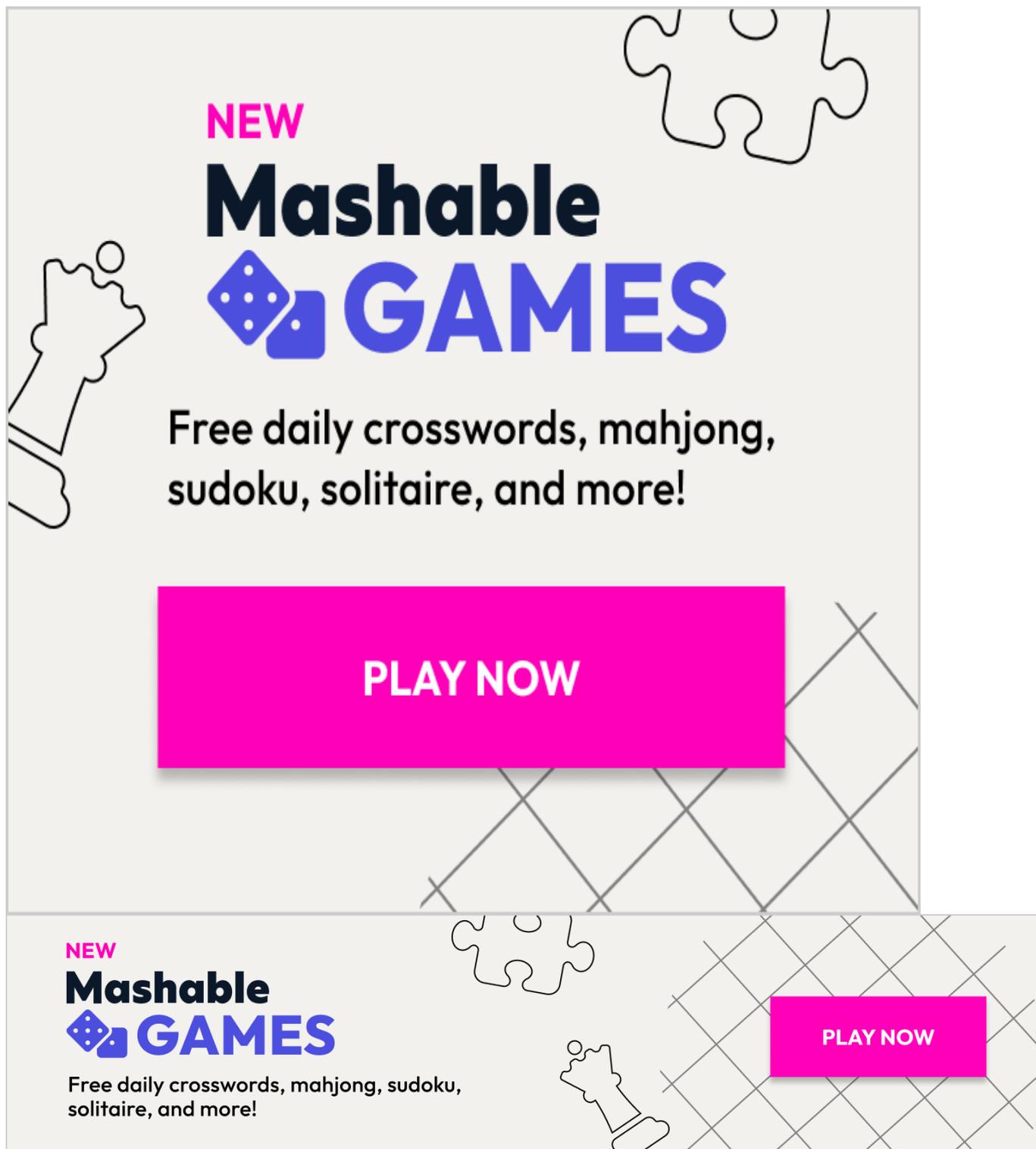
O que você vai ler:



- [O que é Se eu tivesse pernas, eu te chutaria sobre?](#)
- [Se eu tivesse pernas, eu te chutaria é um soco de intestino audiovisual](#)
- [Rose Byrne oferece um desempenho monumental](#)

## **O que é *Se eu tivesse pernas, eu te chutaria sobre?***

Você pode rastrear a fantástica configuração dramática do filme em suas quatro primeiras cenas - três das quais são sessões de terapia de diferentes tipos. Normalmente, não vale a pena quebrar um lançamento do festival tão numericamente, mas *Se eu tivesse pernas* é tão dramaticamente ajustado que cada momento parece uma escalada. Começa em um close apertado de Byrne's Linda e fica lá por mais tempo do que confortável. De fato, fica cada vez mais claustrofóbico, como um médico fora da tela (a própria Bronstein) discute as opções de cuidados de Linda para sua filha em idade pré-escolar (Delaney Quinn), que come parcialmente através de um tubo de alimentação no estômago, que Linda insiste em desnecessário.



**NEW**  
**Mashable**  
**GAMES**

Free daily crosswords, mahjong,  
sudoku, solitaire, and more!

**PLAY NOW**

**NEW**  
**Mashable**  
**GAMES**

Free daily crosswords, mahjong, sudoku,  
solitaire, and more!

**PLAY NOW**

Desde o início, o julgamento de Linda como mãe está em questão. No entanto, é difícil continuar lançando aspersões sobre o personagem (ou pelo menos, mantê-los na vanguarda da mente) quando Byrne oferece um desempenho tão cativante e melancólico e exausto - e do qual Bronstein se recusa a evitar o olhar da câmera. No entanto, quando Linda deixa a nomeação - um momento que geralmente pode pressagiar um interlúdio calmante - a câmera permanece fixada nela em uma proximidade desconfortável, pois sua filha



permanece além do quadro, fazendo perguntas repetitivas, como as crianças. Quando eles chegam em casa, ainda não há paz para Linda, com sua cacofonia doméstica em andamento coroada com o colapso caótico do teto do quarto, forçando -a a realocar todos para um motel barato.

---

## Vídeo em destaque para você

---

Amy Adams sobre como ela se transformou em um cachorro em 'Nightbitch'

---

A segunda sessão de Linda, realizada com seu terapeuta de rosto divertido (Conan O'Brien) no dia seguinte, nos divide algumas de suas tendências autodestrutivas. No entanto, sua terceira e mais surpreendente sessão é a mais reveladora. Ela sai do escritório de seu terapeuta e desce o corredor dela; Ela também é terapeuta, estabelecendo ciclos de conselhos e discursos que ela dá ou recebe, mas nunca se segue a si mesma. Ela tem o idioma certo e as ferramentas emocionais certas em teoria, para prosperar, mas entre um marido que viaja que a repreende por telefone, uma médica que pensa que é uma mãe ruim e uma filha que ela ama, mas que precisa de cuidados constantes, Ela não tem um momento para implementar essas mudanças ou métodos para o autocuidado.

Esse desespero é algo que Bronstein estetiza habilmente, de maneiras que parecem prolongadas e hiperativas, dificultando a observação da angústia de Linda. O filme confronta as incertezas não ditas de uma mulher da maternidade de maneiras que às vezes são repulsivas, mas habilmente naviadas, com tremenda empatia pelo assunto irascível do filme.

## ***Se eu tivesse pernas, eu te chutaria é um soco de intestino audiovisual***

Em um estranho, mas considerado florescer, quase nunca vemos a filha de Linda ao longo do filme, mesmo que ela exista fora da tela. Qualquer pessoa que entra na órbita de Linda na tela se torna o objeto imediato de suas tiradas de ira e fada: seu médico, seu terapeuta, um atendente de estacionamento hospitalar e até o superintendente gentil do motel James (um raro papel de tela para um \$ AP Rocky). Alguns dos discursos de Linda estão até atados a um sutil animus racial; Isso dificilmente é um anjo para quem Bronstein está tentando nos agradar.



## Histórias principais mashable

Por não ver sua filha tão completamente tão completamente quanto esses outros personagens (mesmo os que ela despreza) e, falando com ela com desdém, Linda cria um mecanismo de enfrentamento - uma fachada passiva e desconectada que a impede de colocar sua criança vulnerável em A mesma categoria que esses outros irritantes. Ela aprova a maternidade-como o cumprimento de um contrato social-no piloto automático, conversando com o filho com a mesma repetitividade com a qual ela muda seu saco de alimentação mecânica durante a noite (um processo acompanhado por um sinal sonoro semelhante a um drone que pesa Linda para baixo).

É difícil abalar que não se engajar totalmente com a maternidade pode não ser apenas uma necessidade de Linda, ou um mecanismo de sobrevivência, mas um segredo querer que ela reprime. Aos olhos da sociedade, a pior coisa que uma mãe pode fazer é falhar nas provações sísifas da paternidade. Talvez isso seja algo que Linda tenha internalizado. Certamente anda de mãos dadas com a culpa que ela expressa totalmente, sobre a condição física e a doença de seu filho, o que só aumenta suas razões para não encontrar o olhar de sua filha.

Veja também:

Como 6 gerações de iPhone capturaram 20 anos de maternidade na 'placa -mãe'

No entanto, realmente observar outras pessoas ao seu redor não significa que Linda se conecta totalmente a elas. A certa altura, quando ela pega um bebê que não é dela, o close-up da criança é acompanhado pelo design de [som](#) estridente e penetrante (de Filipe Messeder) que dura uma eternidade. Todo mundo é, até certo ponto, uma abstração irritante para ela, seja por intenção ou pelo mero acaso de seu estado de espírito. Isso também se aplica a um de seus pacientes instáveis, Caroline (Danielle MacDonald), uma nova mãe que parece prestes Veja (ou aceite).

Enquanto Linda visita seu apartamento todas as noites para verificar o buraco no teto, ele assume propriedades físicas inesperadas que produzem visões estranhas. Isso transforma o



abismo literal e simbólico em algo praticamente metafísico. Talvez seja causado pela falta de sono de Linda, ou talvez seja algo profundamente dentro de seu fundo subconsciente contra as paredes de sua mente. De qualquer maneira, o drama resultante é emocionante, hilário e perturbador de uma só vez, e é em grande parte devido ao compromisso destemido e totalmente emboroso de Byrne com a parte.

## **Rose Byrne oferece um desempenho monumental**

Bronstein sabe exatamente como capturar a energia nervosa de Byrne. Os close-ups constantes mantêm o personagem na borda, como se sua maternidade (e sua feminilidade) estivesse sendo interrogada, à la Carl Theodor Dreyer clássico silencioso de perto *A paixão de Joana de Arc*.

Quando a câmera começa a se afastar dos close-ups de Linda, prometendo o mais breve de descanso, torna-se tão estressante de outras maneiras, com a linguagem corporal inquieta de Byrne transmitindo um desconforto crescente. Em pouco tempo, os chutes apertados implacáveis se tornam uma alternativa mais desejável, como se o melhor que nós - e que Linda - poderia esperar ser um momento de desconforto familiar, em vez de um romance com resultados inesperados.

Onde Byrne começa sua jornada é o tipo de lugar emocional frágil que a maioria das ótimas performances de tela precisa se desenvolver cuidadosamente. Mas em *Se eu tivesse pernas, eu te chutaria* precipício de quebra total é a linha de base do personagem. Toque-a e ela pode quebrar - enquanto o corta no processo.

As coisas nunca param de piorar para Linda, e a representação de Byrne só fica mais desgastada. As dificuldades do personagem são construídas de maneiras completamente absurdas, resultando em momentos que são tão engraçados quanto dignos fisicamente dignos. É o tipo de filme que fará você se contorcer em seu assento enquanto ria até quase quebrar uma costela. Mas também fará você querer ligar para sua mãe, devido às profundezas da agonia Byrne, interpretando uma mulher que fala sobre todos e, no entanto, quer desesperadamente ser ouvida.

Se ela merece ou não esse inferno em particular é o tipo de julgamento moral que o filme praticamente nunca permite que você considere. A trama salta com um abandono imprudente, assim como os absurdos crescentes atingem o tom da febre, mas o filme nunca se afasta da auto-imolação gradual de Byrne. Sua concepção de Linda-como uma pessoa que faz o seu melhor, levada à crueldade e egoísmo de temperamento curto por suas circunstâncias-é muito multidimensional e muito realista, para realmente não gostar.

Assim como Jean-Baptiste em *Verdades difíceis* não há um único momento durante o qual o tormento que dirige o personagem de Byrne para atacar não é visível atrás dos olhos, implorando para ser reconhecido. É um apelo tornado ainda mais urgente pelo fato de que *Se eu tivesse pernas, eu te chutaria* sente em constante estado de clímax de levantar o



cabelo. E assim, ele o agarra pelo colarinho e o puxa por seu mergulho angustiante, forçando você a testemunhar - e a entender - os piores impulsos mais humanos que uma mãe pode ter.

*Se eu tivesse pernas, eu te chutaria* foi revisado do Festival de Cinema de Sundance de [2025](#).